

A APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN

LEARNING FOR CHILDREN WITH DOWN SYNDROME

Francisca Olivia¹

Salma Ferreira Sampaio²

Rutemara Florêncio³

Resumo: Este artigo aborda a aprendizagem da criança com Síndrome de Down (SD). Teve como objetivo compreender como ocorre o processo de ensino e aprendizagem das crianças com SD e como as suas limitações podem ser superadas e/ou amenizadas. A pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, do tipo exploratória, permitiu perceber as principais características apresentadas pelas crianças com SD, bem como aquelas que implicam em transtornos da aprendizagem e, ainda, sobre como ocorre a aprendizagem desses sujeitos e quais técnicas e métodos auxiliam em seu processo de escolarização. No decorrer deste estudo foi possível observar a importância da mediação no processo educacional da criança com SD, assim como os meios empregados para estimular a compreensão de conteúdos educacionais e garantir as mesmas oportunidades de aprendizagem.

Palavras chaves: Síndrome de Down. Aprendizagem. Escolarização.

Abstract: This article addresses the learning of children with Down Syndrome (DS). The objective was to understand how the teaching and learning process of children with DS occurs and how their

1 Pedagoga (Faculdade de Ciências, Educação e Teologia do Norte do Brasil – FACETEN, 2011).

2 Pedagoga (Faculdade de Ciências, Educação e Teologia do Norte do Brasil – FACETEN, 2011). Especialista em Educação Especial e Inclusiva (Faculdade de Educação São Luiz, 2020).

3 Graduada em Estudos Sociais e História. Especialista em História do Brasil e Educação a Distância. Mestra em Educação (Universidade Estácio de Sá – UNESA/RJ, 2011).



limitations can be overcome and/or alleviated. Bibliographical research, with a qualitative, exploratory approach, allowed us to understand the main characteristics presented by children with DS, as well as those that imply learning disorders and, also, about how these subjects learn and which techniques and methods help in their schooling process. During this study, it was possible to observe the importance of mediation in the educational process of children with DS, as well as the means used to stimulate the understanding of educational content and guarantee the same learning opportunities.

Keywords: Down Syndrome. Learning. Schooling.

INTRODUÇÃO

Durante muitos anos considerou-se limitado o desenvolvimento cognitivo da criança com Síndrome de Down (SD). Com o passar do tempo, diversos estudos vieram sendo desenvolvido, como é o caso de Lima (2016), Antunes (2017), Santos e Paula (2019), Ramos e Müller (2020), Barbieri, Carvalho e Amancio (2020). Eles pontuaram que, devido ao avanço da tecnologia, por meio da estimulação precoce, esses sujeitos podem ter o seu desempenho intelectual aprimorado.

Isso ocorre porque o desenvolvimento da criança com SD, de acordo com Menezes e Barros (2010), passa pelas mesmas etapas de uma criança sem essa síndrome, só que de maneira mais lenta, desde que receba os estímulos necessários para tal.

Em se tratando da criança com SD, o estímulo precoce se mostra um fator essencial para que possa se desenvolver e obter êxito em sua aprendizagem escolar. Nesse contexto, compreende-se o papel fundamental do educador no processo de ensino e aprendizagem deste indivíduo, uma vez que o seu primeiro contato com a leitura, a escrita, com o aprendizado se dá mediado por um adulto. Logo, compreender como ocorre o seu processo de alfabetização é imprescindível para se saber como as suas limitações poder ser minimizadas (SANTOS; PAULA, 2019).



Para alcançar tal objetivo, desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, do tipo exploratória, no qual se trouxe para a discussão as contribuições de teóricos como Valett (1977), Pueschel (1993), Freire (1996), Moreira, El-Hani e Gusmão (2000), Brasil (2013), Coutinho (2021).

Justifica a realização desse levantamento teórico a necessidade que se tem de saber como ocorre a alfabetização da criança com SD, uma vez que, conforme pontuado por Ramos e Müller (2020), se sabe que essa é uma patogênese, cujo desequilíbrio cromossômico apesar de bastante presente em pessoas que possuem esse distúrbio, permite o desenvolvimento cognitivo, desde que ocorra estimulação neuromotora e psicopedagógica.

Sabendo disso, urge pesquisar, entre outros aspectos, sobre como as limitações da criança com SD, em seu processo de ensino e aprendizagem, podem ser superadas ou minoradas, para que se desenvolva e tenha seu processo de escolarização ocorrendo de acordo com o esperado para a sua idade e série do Ensino Fundamental em que esteja cursando. Afinal, a todas as crianças devem ser ofertadas as mesmas oportunidades de aprendizagem que as demais sem deficiência, para que progrida dentro das suas potencialidades.

CARACTERÍSTICAS DA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN (SD)

A Síndrome de Down (SD) ou trissomia do cromossomo 21 ocorre devido a um cromossomo extra que entra na célula, implicando em uma divisão celular falha. Foi identificada, pela primeira vez, em 1958, pelo geneticista Jérôme Lejeune que em seus estudos chegou a conclusão de que havia uma alteração genética causada por um erro de distribuição cromossômica, onde, ao invés de 46, as células possuíam 47 cromossomos. Além disso, este cromossomo extra se ligava ao par 21, por isso a denominação.

Por ser uma condição humana geneticamente determinada, a SD é a alteração cromossômica



ou cromossomopatia mais comum em humanos e a principal causa de Deficiência Intelectual (DI) atualmente na população, e seu cromossomo 21 extra é o responsável por determinar características físicas específicas, assim como o atraso no desenvolvimento (BARBIERI; CARVALHO; AMANCIO, 2020).

Essa desordem genética, de acordo com Moreira, El-Hani e Gusmão (2000, p. 96), faz com que as pessoas acometidas por essa síndrome, apresente, entre outros aspectos:

Sinais bastante típicos, como hipotonia, linha horizontal na palma das mãos, prega epicântica nos olhos, além de problemas associados como distúrbios cardíacos, oftalmológicos e obesidade. Esse conjunto de sinais e sintomas são provenientes do excesso de material genético advindo da trissomia do cromossomo 21.

No entanto, a SD não é uma doença. Mas, uma desordem cromossômica que impõe múltiplos desafios, seja à criança acometida, seja a sua família. Em idade escolar, esses desafios também fazem parte do trabalho a ser desenvolvido pelo professor na sala de aula, desde a sua alfabetização, até as etapas de ensino mais elevadas.

Isso ocorre porque a SD “causa comprometimento intelectual com graus variáveis de dificuldades físicas e cognitivas” (MATOS et al., 2007, p. 78), como é o caso, por exemplo, de problemas que afetam diretamente a sua saúde: cardiopatia congênita, alterações na audição, na visão e na coluna cervical, além de distúrbios da Tireóide e envelhecimento precoce.

Por conta disso, Pueschel (2005, p. 61) destaca que a SD é classificada em três tipos: “trissonomia 21, translocação e mosaicismos”. A primeira, também conhecida como trissomia simples, é resultado da não-disjunção cromossômica do par 21 que ocorre no momento de divisão celular. Representando 95% dos casos; a segunda, pouco expressiva, pois ocorre em cerca de 2% dos casos, ocorre quando o cromossomo extra do par 21 fica “grudado” em outro cromossomo. E é o único caso em que pode ser hereditária; e, a terceira, é a que menos afeta o desempenho intelectual da criança acometida, uma vez que compromete apenas parte das células. Logo, algumas células possuem 46 cromossomos e outras 47.



E, é identificada em 2% dos casos apenas.

Independentemente do tipo de classificação da SD, há que se destacar que o cromossomo 21 é sempre o principal responsável por sua ocorrência, seus traços específicos e pela função cognitiva afetada em maior ou menor grau, uma vez que:

Suas características gerais, a baixa estatura, o retardo mental, a dismorfia facial, a hipotonia muscular, e/ou a complicação como o defeito congênito do coração, acaba sendo uma característica comum nos três tipos de Síndrome de Down. Em termos de desenvolvimento, a Síndrome de Down, embora seja de natureza subletal, pode ser considerada geneticamente letal quando se considera que 70–80% dos casos são eliminados prematuramente (COUTINHO et al., 2021, p. 17935).

Além disso, as características físicas mais perceptíveis da SD na criança acometida são a cabeça um pouco menor e levemente achatada, o que dá a aparência arredondada; o rosto tem contorno achatado, com nariz, olho e boca pequenos; pálpebras estreitas e levemente oblíquas; o céu da boca é estreito, a língua é grossa e maior; as mandíbulas são pequenas, o pescoço é largo e grosso; o tórax é afunilado, as mãos e pés são pequenos e grossos; o quinto dedo é levemente curvado para dentro e uma única dobra é observada nas mãos; os dedos do pé são curtos, há espaço grande entre o dedão e o segundo dedo e há uma dobra entre eles e a sola; a pele geralmente é clara e ressecada.

Essas características físicas, por outro lado, em nada influem no desenvolvimento cognitivo da criança com SD. Ao contrário, são as alterações provocadas pelo excesso de material genético no cromossomo 21 extra que “determinam o comprometimento intelectual, aprendizagem lenta, dificuldades motoras e o atraso na articulação da fala” (MENEZES; BARROS, 2010, p. 02).

Logo, se entende, por exemplo, que a curva do dedo mínimo não limita a função da mão no que diz respeito a pegada do lápis, a escrita, a pintura. O que impede que a habilidade seja melhor desenvolvida é, na maioria das vezes, causada pela presença de hipotonia (diminuição do tônus muscular), que tende a impedir que a criança com SD fale corretamente, seja compreendida facilmente; ou que



tenha a coordenação motora fina e ampla melhor desenvolvidas por conta do tônus muscular pobre, da força reduzida e da coordenação limitada (VALETT, 1977).

Sabendo disso, é importante destacar que, a criança com SD, assim como qualquer outra criança sem nenhum tipo de deficiência, ao passar pelas fases de desenvolvimento, necessitará receber os estímulos adequados para se desenvolver. É claro que em se tratando de seu processo de aprendizagem, por conta de todas as limitações, esse incentivo requisitará o acompanhamento de uma equipe multidisciplinar que lhe atenda em seus diferentes aspectos, uma vez que:

As diferenças entre as pessoas com SD, tanto do aspecto físico quanto de desenvolvimento, decorrem de aspectos genéticos individuais, intercorrências clínicas, nutrição, estimulação, educação, contexto familiar, social e meio ambiente. Apesar dessas diferenças, há um consenso da comunidade científica de que não se atribuem graus à SD, assim como a sua expectativa de vida aumentou consideravelmente, devido aos progressos na área da saúde principalmente da cirurgia cardíaca. O aumento da sobrevida e do entendimento das suas potencialidades tem levado à elaboração de diferentes programas educacionais, com vistas à escolarização, ao futuro profissional, à autonomia e à qualidade de vida (BRASIL, 2013, pp. 09-10).

E, é por isso, que se acredita na importância que se tem de conhecer como a SD se processa em sua patogênese, para assim entender quais formas de aprendizagem podem ajudar no desenvolvimento cognitivo da criança acometida. Isso se faz necessário porque a maior limitação para que se tornem adultos integrados, produtivos, felizes e independentes, por exemplo, não é imposta pela genética, mas sim pela falta de conhecimento das pessoas que atuam junto a estes sujeitos, seja em casa, na escola, ou nos diferentes espaços sociais existentes atualmente.

É tomando isso como pressuposto que se reafirma que a criança com SD tanto pode aprender quanto se desenvolver (LIMA, 2016). É necessário, no entanto, permitir, entre outros aspectos, o acesso a técnicas e estratégias de tratamentos e terapias mais efetivas, onde a estimulação precoce, por meio de ações pedagógicas, fisioterápicas e fonoterápicas, são alguns dos mecanismos que tem contribuído,



direta e significativamente, para melhorar a qualidade de vida e facilitar a realização de atividades de contexto social, afetivo e laboral, assim como escolar, como melhor será descrito a seguir.

O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM SD

Viu-se anteriormente que a Síndrome de Down (SD) não é uma doença, mas uma condição permanente. E, como qualquer outra pessoa, a criança com essa alteração genética, possui habilidades e dificuldades que podem ser aumentadas ou reduzidas dependendo das intervenções recebidas e/ou realizadas.

Dessa forma, sabendo que a escolarização é um processo importante na formação de todos os indivíduos, Antunes (2017) pontua que é comum que estes sujeitos, mesmo sem qualquer tipo de deficiência, tenham algum grau de dificuldade para aprender. Em se tratando da criança com SD, sabe-se que essas dificuldades se tornam mais desafiadoras ainda, justamente por conta da carga genética, dos fatores ambientais e da própria Deficiência Intelectual (DI) que a acomete.

Assim, é fundamental, para o seu desenvolvimento intelectual e progresso escolar que a criança com SD receba a atenção necessária durante seu processo de ensino e aprendizagem, uma vez que “o potencial a ser desenvolvido é sempre uma fronteira a ser cruzada diariamente” (BRASIL, 2013, p. 10).

Como parte das possibilidades de ensino e aprendizagem a serem ofertadas na escola pelo professor, Moreira, El-Hani e Gusmão (2000) pontuam que, para permitir, não apenas a matrícula e o acesso da criança com SD ao ensino regular, mas, também, a sua permanência e progresso escolar, é necessário que se conheça as suas limitações e potencialidades, para que a partir disso, se realize as adaptações curriculares que se fizerem necessárias para que a sua escolarização ocorra.

No entanto, é preciso compreender que o aprendizado da criança com SD, assim como de um indivíduo para outro, não ocorre da mesma forma. Ou seja:



Não existe um padrão para pessoas com SD, dependendo do grau de estimulação, umas podem realizar tarefas com mais facilidades que outras, mas é consenso que, quando estimuladas, mostram desenvolvimento progressivo tanto nas tarefas do dia-a-dia quanto nas relações sociais, uma vez que se desenvolvimento intelectual é mais lento (MATOS et al., 2007, p. 83).

Sabendo disso, deve-se partir da premissa de que são justamente as diferenças que podem ser utilizadas como ponto de partida para a obtenção de resultados cada vez mais positivos em seu processo de ensino e aprendizagem. Para isso, faz-se necessário o desenvolvimento de estratégias e processos cognitivos adequados e que possibilite a criança com SD diferentes oportunidades de progresso escolar.

O princípio básico é saber que a criança com SD têm a idade cronológica diferente da idade funcional. Logo, para se sentir estimulada a aprender, Santos et al. (2022, p. 109) fomenta que:

Ela precisa se sentir acolhida e produtiva. Mas, para ter um ambiente acolhedor é necessário que ele seja equilibrado, com planejamento direcionado com adaptações e de forma facilitada, para proporcionar a criança Down momentos prazerosos, podendo assim cumprir suas construções sobre sua realidade. A criança Down apresenta muitas debilidades e limitações, assim o trabalho pedagógico deve primordialmente respeitar o ritmo da criança e propiciar-lhe estimulação adequada para desenvolvimento de suas habilidades.

Isso significa dizer que, para aprender, a criança com SD precisa ser estimulada a conviver, a interagir e a participar de tudo o que é proposto. E, se caso não consiga acompanhar na mesma proporção que os demais, essas experiências precisam ser adaptadas à sua realidade, respeitar os seus limites, e estarem adequadas as suas potencialidades.

Mesmo porque, a criança com SD está apta a participar de todas as possibilidades de aprendizagem que lhes forem ofertadas. Sendo assim, concorda-se com Matos et al. (2007) ao evidenciar que a estimulação é de suma importância para o seu desenvolvimento integral, uma vez que é uma das principais responsáveis por minimizar as ocorrências dos déficits da aprendizagem.

Não se pode esquecer também que o estabelecimento da relação interpessoal e intrapessoal no



ambiente escolar vai além do simples ato de incluir. Permite envolver, compreender, participar e aprender. E, por conta disso, procedimentos específicos precisam ser planejados e utilizados para alcançar sucesso em seu processo de ensino e aprendizagem (FREIRE, 1996).

Nesta perspectiva, é muito importante compreender como a criança com SD aprende e, por conseguinte, se desenvolve. E, a partir disso, deve-se traçar estratégias de como auxiliá-la em seu processo de escolarização, pois sabe-se que, além da DI, há dificuldades acentuadas em seu desenvolvimento “psicomotor e pômbero-estatural, por isso a instituição de múltiplos profissionais de forma mais precoce pode ajudar no melhor desenvolvimento destes indivíduos” (COUTINHO et al., 2021, p. 17945).

Por isso a afirmativa de Pelosi et al. (2018) continua sendo a de que quanto mais precocemente a criança com a SD for estimulada, maior será o impacto positivo no seu desenvolvimento nos diferentes aspectos acometidos ou não pela alteração genética. Entre todo o aparato de possibilidades existentes, se destacam atualmente diferentes técnicas e métodos de ensino que promovem a sua aprendizagem, dentro e fora da escola.

Em todo caso, reafirma-se, mais uma vez que a escolarização da criança com SD é de extrema importância para o seu desenvolvimento. Assim, para que esse momento ocorra dentro do esperado, é necessário que a escola, e, por conseguinte, o professor, saiba como atuar junto a este sujeito, pois, uma das possibilidades para o melhor atendimento do processo de ensino e aprendizagem é, sem dúvida, a adequação de técnicas e métodos que possam ampliar a conhecimento. Para melhor entendimento, no subtópico a seguir, será apresentado um pouco do trabalho que pode ser realizado.

AS TÉCNICAS E MÉTODOS DE APRENDIZAGEM APLICADAS JUNTO AS CRIANÇAS COM SD

É fato constatado que a criança, com ou sem Síndrome de Down (SD), deve ser estimulada a aprender progressivamente. Desde o início de seu processo de escolarização, esse trabalho deve focar



no seu desenvolvimento integral, assim como no atendimento de suas limitações e no fortalecimento de suas potencialidades.

Desenvolver um trabalho nessa perspectiva, ajudará, por exemplo, na melhor compreensão e aproveitamento dos conteúdos escolares e, conseqüentemente, no rearranjo do processo de ensino e aprendizagem. Assim sendo, é de extrema necessidade, como visto até aqui, por meio deste referencial teórico, que a escola, e, por conseguinte, o professor, que é quem atua diretamente com os alunos, tenha conhecimento dos mais vários mecanismos, técnicas, métodos e estratégias que promovam a aprendizagem de seus alunos (PELOSI et al., 2018).

Em se tratando da criança com SD, diversas são as técnicas e métodos de aprendizagem que podem ser aplicadas, dentro e fora da sala de aula, para ajudar em seu desenvolvimento. Essas ferramentas e estratégias são, de acordo com Santos et al. (2022), elementos que facilitam, não apenas seu processo de escolarização, assim como ajudam em sua interação e integração social.

Sabendo disso, Pessoa e Timbó (2018, p. 68) fomentam que para a criança com SD possa se desenvolver integralmente, a escola, e, por conseguinte, o professor, exerce um importante papel, e, como tal deve:

Ofertar oportunidades de aprendizagens significativas para essas crianças, como atenção à língua nativa, os conceitos básicos de matemática, os trabalhos manuais como meio de educá-los e de habilitá-los a uma profissão. [...]. Como complemento às atividades mencionadas, também podemos perceber a mudança significativa que as atividades de jogos simbólicos podem representar para a qualidade de vida e autonomia. Como exemplos, dessas atividades, podemos mencionar: preparar um sanduíche, arrumar a cama, varrer o quarto, lavar uma roupa, organizar os livros. Ao se tornarem “autônomas” nas pequenas atividades, logo interagirão mais com a família e a sociedade e poderão desenvolver-se integralmente.

Essa necessidade de oferta de diferentes e variadas formas de aprendizagem não apenas se fazem importantes na escola, como, também, interferem diretamente na vida cotidiana em casa e no meio



social, uma vez que desenvolvendo-se integralmente, a criança com SD terá uma maior autonomia para a realização de outras atividades afins, como, por exemplo, exercer uma profissão, auxiliar nas atividades domésticas, e alcançar níveis de ensino mais elevados que a Educação Básica.

todos de ensino que possibilitem potencializar as habilidades já adquiridas pela criança com SD. Mas, para que isso ocorra é necessário ter um olhar mais sensível para compreender quais são as suas limitações e utilizar isso como ponto de partida para as intervenções (MENEZES; BARROS, 2010).

Perceber o potencial da criança com SD torna possível ao professor aplicar estratégias diferenciadas de ensino e, conseqüentemente, ajuda a solucionar, e/ou amenizar, as possíveis dificuldades de aprendizagem apresentadas no decorrer de sua escolarização. Afinal, “este processo só se concretizará se houver desenvolvimento de habilidades e competências, que influenciarão sua trajetória escolar” (PESSOA; TIMBÓ, 2018, p. 68).

Sabendo disso, ilustra-se, como parte das técnicas e métodos de ensino que ajudam diretamente na aprendizagem da criança com SD, entre outros aspectos, o uso de materiais concretos, a realização de experiências práticas, a aplicação de jogos, a imitação e o reforçamento de comportamentos, enquanto premissa básica para o seu desenvolvimento integral (BRASIL, 2013).

A aplicação de técnicas e métodos de ensino como as citadas são importantes porque se sabe, por exemplo, que o vocabulário da criança com SD, se desenvolve como resultado de experiências e integração neurológica; a linguagem é fortalecida por meio da oferta de oportunidades de comunicação, interação, integração e socialização; a comunicação é melhorada por meio da imitação, do uso de material concreto, de jogos (VALETT, 1977).

Como se pode observar, a aprendizagem só irá acontecer se houver um engajamento em prol desse objetivo, pois como destaca Santos et al. (2022, p. 109):

As oportunidades educativas devem ser oferecidas para todos os discentes, de forma igualitária, mesmo que isso represente um desafio. Além disso, é



a infância o contexto ideal para que a inclusão da criança com SD ocorra na escola, pois nessa fase há a exposição da linguagem por meio de interações, dando ênfase aos elementos de inserção social e autonomia como terapêuticos para ser evitado o atraso no desenvolvimento. Assim, as metodologias devem ser pautadas nesses elementos.

Trata-se, portanto, de conhecer as possibilidades e limitações da criança com SD, para a partir disso, propor oportunidades educativas que lhe auxiliem em seu processo de escolarização, para que assim tenha as mesmas condições de acesso ao conhecimento escolar e se desenvolvam integral, mesmo não sendo uma tarefa tão fácil como se imagina.

Não se pode esquecer, também, que o que diferencia, na maioria das vezes, a aprendizagem de uma criança com SD daquela que não possui nenhuma deficiência, é o tipo de estímulo empregado e o tempo que cada uma leva para aprender o que lhe é ensinado, mesmo porque “o esforço da criança dependerá de seu grau de motivação para realizar as atividades” (PUESCHEL, 1993, p. 249).

Cabe, portanto, ao professor, entre outros aspectos, pesquisar técnicas e estratégias que pode aplicar junto a criança com SD, e, se mesmo assim elas não forem suficientes para atender as suas especificidades, deve adequá-las para tornar possível alcançar o objetivo maior que é a aprendizagem (RODRIGUES; FREITAS, 2019).

Uma boa alternativa, de acordo com Pessoa e Timbó (2018, p. 09) é, justamente utilizar abordagens mais lúdicas e interativas, uma vez que:

Incitam o desenvolvimento de habilidades motoras e a construção da aprendizagem significativa sobre o assunto que será ou foi comentado em sala de aula. Este tipo de ação é viável por ser flexível, proporcionar um envolvimento completo do educando, ter influência criativa da imaginação da criança, o que rompe com o método tradicional de educação regular.

Essa é uma abordagem que pode ser usada dentro e fora da sala de aula, assim como pode ser aplicada a qualquer momento do processo educativo, pois motiva a criança com SD a querer aprender,



a se interessar pelo que está sendo proposto e a interagir mais facilmente com o conhecimento e com os outros alunos que com ela convivem na escola.

Nesta perspectiva de entendimento, uma outra opção de estratégia metodológica que ajuda a criança com SD em seu processo de escolarização é o estabelecimento e aplicação de uma rotina diária que pode ser feito por meio do uso de fichas ilustrativas que indiquem a atividade que deverá ser executada, possibilitando o desenvolvimento de habilidades de comunicação e compreensão tão necessárias ao acesso ao conhecimento escolar (SANTOS et al., 2022).

Cada uma dessas estratégias e técnicas de ensino, de acordo com Rodrigues e Freitas (2019), além de necessárias, devem compreender todo o processo de escolarização desses alunos, incluindo-se aí, a avaliação e os instrumentos utilizados para tal, pois o desempenho de cada criança com SD deve ser registrado de forma individual, analisado e pontuado, uma vez que é a partir disso que novas ferramentas de trabalho são pensadas para melhor ajudar em seu desenvolvimento escolar.

Por fim, cabe pontuar ainda que, o sucesso da escolarização da criança com SD ainda não é tão efetiva porque falta aprofundamento real sobre as técnicas, estratégias e métodos que melhor podem ser abordados no âmbito escolar que facilitam o seu processo de ensino e aprendizagem, assim como de uma maior compreensão dos direitos, das particularidades e das necessidades destes sujeitos como ponto de partida para o atendimento de suas potencialidades.

CONCLUSÃO

A revisão literária realizada em torno da aprendizagem da criança com Síndrome de Down (SD) se mostrou relevante na medida em que permitiu compreender que alterações genéticas afetam diretamente o seu desenvolvimento cognitivo, escolar e social, como ocorre a sua escolarização e quais técnicas e métodos ajudam nesse processo.

Ficou evidenciado, entre outros aspectos, que a criança com SD, apesar de todas as alterações



genéticas causadas por conda da síndrome, como é o caso da Deficiência Intelectual (DI), pode se desenvolver integralmente, desde que ofertadas todas as possibilidades de aprendizagem que lhe forem possíveis e que atendam as suas limitações e potencialidades, mesmo ela avançando de maneira diferenciada que os demais alunos sem qualquer tipo de deficiência.

Para isso, concluiu-se que é necessário que a escola, e, por conseguinte, o professor, saiba muito bem como a SD se manifesta. Uma vez junto ao seu aluno, faça os levantamentos sobre suas limitações, dificuldades e potencialidades, pois isso o ajudará a traçar o plano de trabalho mais adequado.

De posse dessas informações, realize um aprofundamento das técnicas, métodos e estratégias de ensino, que melhor se adequem a realidade da criança com SD matriculada em sua turma, pois para promover a sua aprendizagem e desenvolvimento integral, será necessário investir em formas dinâmicas de ensino diferentes das tradicionais aplicadas cotidianamente.

Como resultado dessa busca pessoal, a aprendizagem da criança com SD ocorrerá, não da mesma forma que os demais alunos. Mas, acontecerá considerando sua realidade, e será o ponto de partida para que etapas mais elevadas de ensino sejam alcançadas. O êxito será maior ainda se o professor contar com o apoio da família e de outros profissionais que atuem no processo terapêutico e de ensino e aprendizagem desses sujeitos, pois se sabe que não é apenas o cognitivo a capacidade afetada. Existem outras habilidades afetadas e que requerem atenção, uma vez que elas também implicam diretamente em sua escolarização e desenvolvimento fora e dentro da escola.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Maria de Fatima. Educação Inclusiva: Inclusão da criança com a Síndrome de Down na escola regular. REFAF – Revista Eletrônica da Faculdade de Direito de Alta Floresta, Alta Floresta, 2017.

BARBIERI, G. H; CARVALHO, L. F. P; AMANCIO, P. M. T. G. O desenvolvimento motor em crianças com Síndrome de Down e a influência da família para seu aprendizado. Revista Psicologia



& Saberes, 2020, 9 (6): 31-37.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Diretrizes de atenção à pessoa com Síndrome de Down. 1. ed., 1. reimp. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

COUTINHO, Kamuni Akkache et al. Síndrome de down, genética e prole: uma revisão de literatura. *Brazilian Journal of Health Review*, Curitiba, v. 4, n. 4, pp. 17935-17947, jul./aug. 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIMA, Ana Cristina. *Síndrome de Down e as práticas pedagógicas*. Petrópolis: Vozes, 2016.

MATOS, Sócrates Bezerra de et al. Síndrome de Down: Avanços e perspectivas. *Rev. Saúde.Com*, 2007; 3 (2): 77-86.

MENEZES, Djanira Jacinto; BARROS, Márcia L. N. L. A criança com Síndrome de Down e as dificuldades de aprendizagem. *Revista Pátio*, Ano XIII, n. 52, novembro 2010.

MOREIRA, Lília M. A.; EL-HANI, Charbel N.; GUSMÃO, Fábio A. F. A síndrome de Down e sua patogênese: considerações sobre o determinismo genético. *Rev. Bras. Psiquiatr.*, 2000; 22(2): 96-9.

PELOSI, M. B. et al. Atividades lúdicas para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita para crianças e Adolescentes com síndrome de Down. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 24, n. 4, p. 535-550, 2018.

PESSOA, Andréa da Silva Paiva; TIMBÓ, Raimunda Cid. Inclusão com Síndrome de Down e as práticas pedagógicas na Educação Infantil. *Revista PLUS FRJ: Revista Multidisciplinar em Educação e Saúde*, pp. 65-75, nº 4, Jan/2018.

PUESCHEL, Siegfried M. (Org.). *Síndrome de Down: guia para pais e educadores*. Campinas, SP: Papyrus, 1993.

RAMOS, B. B; MÜLLER, A. B. Marcos motores e sociais de crianças com síndrome de down na



estimulação precoce. Revista Interdisciplinar Ciências Médicas, 2020, 4 (1): 37-43.

RODRIGUES, G. B.; FREITAS, M. C. M. A. Metodologias e estratégias para o processo de ensino aprendizagem de alunos com Síndrome de Down. Revista Educação, Ciência e Inovação, v. 4, n. 1, p. 16-30, 2019.

SANTOS, Joice Alves dos et al. Desafios pedagógicos nos processos de ensino-aprendizagem das crianças com Síndrome de Down. Revista Saberes Docentes, Juína-MT, Brasil, v. 7, n. 13, Jan./Jun. 2022.

SANTOS, R. C.; PAULA, E, B. Estimulação precoce em crianças com síndrome de down: abordagem fisioterapêutica. Rev. Cien. Integ., 2019, 1 (3): 1-11.

VALETT, Robert E. Tratamento de distúrbios da aprendizagem: manual de programas psicoeducacionais. São Paulo: EPU editora da Universidade de São Paulo, 1977.

